

Página Literária

Transcrevemos do poema:

As ondas vão, as ondas voltam— as ondas rolam no mar triste... Ondas do mar, ondas do Tempo, são beijo e apelo, são carícia—de espuma leve e branca anseio... Mas Prometheu, agrilhado, mas Prometheu, suplicado—não vê as ondas nem as ouve... Nem mesmo vê o abraço roseo—o longo abraço que as Nereidas—tecem no ar, abrem no ar—para abraçar e consolar—seu desespero e sofrimento... Sonha somente, Prometheu—sonha somente no resgate—das longas horas de tortura—da sua febre sem acção... Sonha esse instante redentor, em que, partidas as algemas, trará de novo aos irmãos homens—à luz do céu que foi roubar para que sejam mais humanos, e melhor saibam conquistar—esse Futuro ambicionado, esse futuro que os liberte de erros e culpas do passado...

Criar a vida não é nada, se em cada nova criatura não resplandece o eterno bem—o orvalho puro e matinal da consciência que alvorece...

Prometheu sonha essa vitória, esse momento de triunfo,—essa alvorada gloriosa, essa manhã que não tem fim... E as ondas vão, e as ondas rolam—no seu profundo e largo ritmo, como embalando, piedosas, o sonho ardente que as não vê—o sonho ativo que as não ouve... Sonho que voa mais além, além do mar, além do Tempo, além da Vida que se espraia—além da Morte que o não leva...

Mas o Destino, vingativo—vela e castiga quem o vence... E é violência, é crueldade, é punição inexpiável—que Prometheu sofre em revolta...

E um canto heroico, um grito de alma, um grito alado, um grito ansioso, da sua boca sai então... Um canto, um grito, já dizendo sua esperança imorteroira—em si, nos homens e na vida:

Não!...

Monstro da altura, guela hiante
Que lento e lento, instante a instante,
Bebes o sangue, a seiva mûça
Do meu veemente coração;
Destino adverso, erma tortura,
Fúria do céu, que me desterras,
Além do amor, além da vida,
Nesta perdida,
Nesta humilhada escravidão,
—Não vos pertenco, não sou vosso,
Nem dos grilhões que me cativam,
Nem da candente, aguda flecha
Da mão injusta despedida,
Que me feriu e fulminou!
—Não, não sou vosso, não me entrego
A' vossa injúria sem perdão!...

Negras marés, tufões do oceano,
Que perseguis e me assaltais;
Meu temporal cotidiano,
Quêdo jámais,
—Que voz repele, e afronta, e cala
Esse tumulto de odios cegos,
Que rugir e clama e ofende em vão?
Um grito só, que o peito exala,
E a voz dardeja e enleia o mundo,
Grito de amor em mim presente,
Perenemente,
Um grito só,
Um claro grito:

—Não!...

Bôcas do mal, rugi, uivai
Contra o meu sonho e o meu anseio!
—Nem um lamento, nem um ai
Me sairá do intimo seio...
Nem um soluço, nem um pranto
Adejará da minha dôr...
Rugi, clamai, uivai... Eu canto
Uma certeza sempre em flôr!
Todo o meu corpo é uma chaga,
Desmaia, sangra, desfalece...
Mas não desmaia, não se apaga
A acêsa fé da minha prece...
—Devora mais, monstro da altura,
Fogo do céu, vem-me abrasar!...
Minha humaníssima ternura
Já não aprende a agonizar!
—Fauces rasgantes da maldade,
Grilhões da Morte, não vos temo,
Vive comigo o bem supremo
Duma suprema liberdade!
Nenhuma baba peçonhenta
Sequer a pode macular:
Água de luz me dessedenta,
Beijo de luz me vem sarar!
—A dôr requeima? O sangue corre?
Que importa a cinza do que ardeu?
—Sou a verdade, que não morre,
Sou a justiça, que não morre,
Sou o certeza e a liberdade,
—Sou Prometheu!

Grécia imortal

«Canto de Prometheu»

Uma nova obra de João de Barros



JOÃO DE BARROS

se sujeita á grilheta ignominiosa do castigo. O seu rochedo é como um Monte Sinai de profecia e as suas palavras fulgurantes, relampagos alumian-do até muito longe as trevas do mundo. No seu coração ficou, a-final, ardendo a mesma luz que lhe queimava as mãos encadeadas. Rasgou-lhe o peito para arrancar lá de dentro o crisol criador do mundo. Eis a sugestão magnífica de João de Barros, que nesta obra majestosa se levanta tão alto, é tão ardente, vibrante e apaixonado que os seus versos de inquietação e de angustia fariam estremecer as estrelas, se elas se humanizassem pelo destino da terra.

«Canto de Prometheu» representa nesta hora a encarnação da patria grega. E' a sua sinfonia heroica! O seu clarim de redenção!
João de Barros dedica-o aos amigos da velha Helade em cujo sangue se transfunde a graça espiritual de Platão e o genio heroico de Temistocles. O facho da Maratona! O sol de Salamina! O «Canto de Prometheu»! A alma admirável da Grecia palpita neste triptico de gloria, de heroismo e de poesia.

Num muro do Parthénon há que escrever um dia esta ode imortal.

João de Barros deu-nos agora uma bela expressão lírica de Prometheu. O simbolo eterno como que renasce na sua grandeza e torturada beleza, através da voz magnífica, orquestrante e onomatopáica do admirável poeta.

E' um poema digno duma antologia sobre o qual perpassa um sopro heroico da existencia humana no seu ideal supremo, com a sua vitalidade, a sua imortalidade, a sua ascensão para a luz.

João de Barros transcende num vôo épico pela universalidade do seu cantico, a vida e o tempo. «Canto de Prometheu» é um hino e uma alvorada, uma mensagem e uma epopeia. Os versos abrem num ritmo cadenciado de onda para depois se erguerem, triunfalmente, numa magnífica tempestade de colera, atingindo a mais bela e dramática veemencia.

Prometheu, que roubou aos deuses o fogo sagrado, não se queira que você sabe o que é a imunidade?

O PRETO NO BRANCO

Cobaias e homens

Dizia-me ontem, á noite, num dos nossos passeios habituais pelas ruas e travessas sossegadas perto da Patriarcal, o meu velho amigo José Maria:

—Eu sou um ignorante curioso, cheio de vontade de saber coisas scientificas. O romance da Ciencia apaixonou-me e não me canso de ler livros de vulgarização. Sou como um sujeito biblioteiro que não pode entrar numa casa onde sabe que se estão passando coisas curiosas e que gasta horas com o olho colado ao buraco da fechadura, a ver se consegue surpreender alguma coisa do que lá se passa. Mas—ai de mim!—o raio da minha visão, como você calcula, é reduzido! Enfim, como não me interessa a literatura de hoje, não sou charadista e não me entretêm as «palavras cruzadas», continuo com a minha mania inofensiva. E ontem tive uma grande satisfação porque vi, verifiquei com os meus olhos, directamente, uma teoria científica sobre a imunidade.

—Você sabe o que é a imunidade?

—Não, senhor—respondi eu.—Ou por outra sei no sentido vulgar, o que vem no dicionário. Mas, «biologicamente falando» como, em tempos, se disse muito no Parlamento e nas revistas do ano, faço do caso uma ideia muito confusa. Fui vacinado contra as bexigas. Tive sarampo e a febre jfoide uma vez só. Quando era rapaz, mais acessível a «ertos» morbos,—as lombrigas, por exemplo—dei uma acurada atenção a essa palavra e ao seu significado. E a isto se limitam os meus conhecimentos. Queira, portanto, contar a historia.

—A imunidade é um fenómeno de digestão—sentenciou José Maria e disse-o de tal maneira, com um tão convicto tom de pedagogo, que eu não me pude impedir de sorrir e de comentar em calão, só para o «taquinar»:

—Chupa, que se apaga! Temos portanto uma definição e venha o resto!

E o resto veio assim. José Maria, em casa dum amigo que é bacteriologista e tem dinheiro para possuir coisas que custam caras, assistira a uma projecção cinematografica dum filme científico. O assunto desse filme era a morte duma cobaia a quem, no principio da sua, um experimentador injectava numa veia o agente da doença do sono. E depois assistia-se, em microfotografia animada e ampliada, ao combate entre as defesas do organismo e o bichoroco produtor da doença. De vez em quando, um grande plano, mostrava o estado da cobaia ou mais esperta ou a dar as ultimas conforme os momentos da luta que se lhe passava no sangue. E o que entusiasmava José Maria eram as fases da batalha. Dumas vezes os fagocitos—creio que é assim que se chama—incorporando e digerindo o triponema gambiensis—julgo que é este tambem o nome e apelido do referido bicho—e doutros, os mesmos fagocitos moles, rebentados, achatados, vencidos e a veia da cobaia fervilhando dos atacantes incontáveis, numa agitação triunfal de vencedores. E nesta altura num outro «grande plano» via-se, a cobaia, no fundo da sua gaiola, de pernas ao ar, morta.

—Eu queria que você visse!—comentava José Maria, encantado. E acrescentou, melancolico:

—Quem não deveria gostar talvez do caso era a cobaia. Que sorte a desses pobres bichos! E a que eu vi parecia tão feliz, a comer a sua couve, com os seus olhos muito claros, o joquinho agitado, toda branca!... Muita sorte tivemos nós em não nascer cobaias!

E colou-se. Eu confesso que esperava mais da historia e assim interpelei-o:

—E' só isso! A historia não tem seguimento? Se assim é, não merecia a pena contá-la...

José Maria sorriu complacente e disse: —Tem. Tem seguimento. E' que eu fui deitar-me impressionado com o que vi e tive um sonho. Sonhei que estava a assistir, numa grande extensão de terreno, a uma furiosa batalha entre dois terríveis exercitos, formidavelmente armados. Mas, o mais curioso, é que toda essa enorme extensão de terreno em que a batalha se travava, era assente numa gigantesca placa de vidro, com o mesmo feistio, exactamente igual, ás placas de vidros que o meu amigo, o bacteriologista, punha na platina do seu microscopio, para observar preparações. E eu, olhando para o céu, descobri que o sol, que iluminava a batalha, era a objectiva dum microscopio

RAMADA CURTO

(Continua na pag. seguinte)

OS NOSSOS CONTOS

O bácoro da Felicia

por Manuela de Azevedo

De repente, todos os postigos e janelos abriram um olho ensonado na noite escura. O sino da capela começara a tocar naquele toque a rebate, aflitivo, como só Deus fazia tanger, quando, como agora, havia fogo no sitio.

—Tlim-tlam-tlim-tlan!...

Num instante, o mulhério enfiara o salote de baetilha, botara o challe aos ombros e, zás, de cantaro á cabeça, largara a berrar pela aldeia fora:

—Eh! gente! Eh! gente! acudam ao fogo!

—Adonde? Adonde?

As mais moidas pelo trabalho da vespera ou aquelas que se tinham pegado mais ás contas do demo do sono ainda não queriam acreditar.

—Que é? Que é?

Os janelos voltavam a fechar-se, eles sem enxergar no escuro as pantalonas, apalpavam ao acaso, que os lumes não nos topavam ou queriam-nos poupar. Mas, mesmo assim, a massa de gente engrossava em direituras á casa da Felicia.

—Tem os tarecos todos a arder! Ai Santissima Trindade!...

Já não eram só as cantarinhas para a agua; agora, tudo servia: panelões de folha, as latas de gasolina feitas caldeirões do vivo, baldes de grossa aduela. A lumieira avistava-se dois quilómetros em redor. No ar, andava um cheiro acre a torresmos, a fuligem, a trapo queimado.

—Ai o meu rico bácoro! Ai o meu rico bácoro!...

E a Felicia, em fralda, que se em pelotas o fogo a fôra topar na enxerga, bem que tinha de saltar assim mesmo do cortiço, ia lançar-se na fogueira, de braços no ar, cabelos desgrenhados, a boca a espumar.

—Ai que estou desgraçada! Salvem-me o meu rico bácoro! Deixem-me ir a mim por ele!

Os mais fortes desarmavam-na de forças, mas ela, como um possesso, gritava ainda mais

(Continua na 11.ª pag.)